

PQ
9261
G8
S534



Fonseca, Tomás da.
Guerra Junqueiro. Como Ele Escrevia.

TOMÁS DA FONSECA

Guerra Junqueiro

Como êle escrevia

Considerações sobre o manuscrito de "Os Simples,"



Coimbra Editora, Lim.^a — Antiga Livraria França & Arménio
Coimbra, 1924

Guerra Junqueiro

Como êle escrevia

OBRAS DO AUTOR

DOR E VIDA — 1900.

GRANDES MALES — O Tabaco — 1903.

EVANGELHO DUM SEMINARISTA — Com duas cartas de Elisée Reclus — 1903.

DESERDADOS — Com prefácio de G. Junqueiro — 1909.

SERMÕES DA MONTANHA — 1.^a ed. — 1909; 2.^a — 1912.

APARECIMENTO DA VIDA SOBRE A TERRA — 1911.

CARTILHA NOVA — 1.^a ed. — 1912; 2.^a — 1913.

ORIGEM DA VIDA — 1912.

JUÍZO FINAL — Episódio dramático — 1918.

MEMÓRIA DO CÁRCERE — (Apontamentos para a História Contemporânea)
— 1919.

MUSA PAGÃ — 1921.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO — 1.^o vol. — 1924.

CARTAS ESPIRITUais — A mulher e a Igreja — 1922.

ENSINO LAICO — 1923.

AS CONGREGAÇÕES E O ENSINO — 1924.

Colaboração:

VERSONS DUM CAVADOR, por Manuel Alves — 1.^a ed. — 1900; 2.^a — 1912;
3.^a — 1917.

No Prelo:

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO — 2.^o vol.

ORIGEM DA VIDA — 2.^a ed.

BOM HUMOR — Livro para convalescentes.

SANTOS DA MINHA TERRA — Agiólógio Rústico.

PQ
9261
G8
55 34

TOMÁS DA FONSECA

Guerra Junqueiro

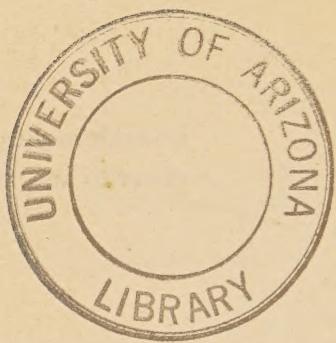
Como êle escrevia

Considerações sôbre o ma-
nuscrito de "Os Simples,"

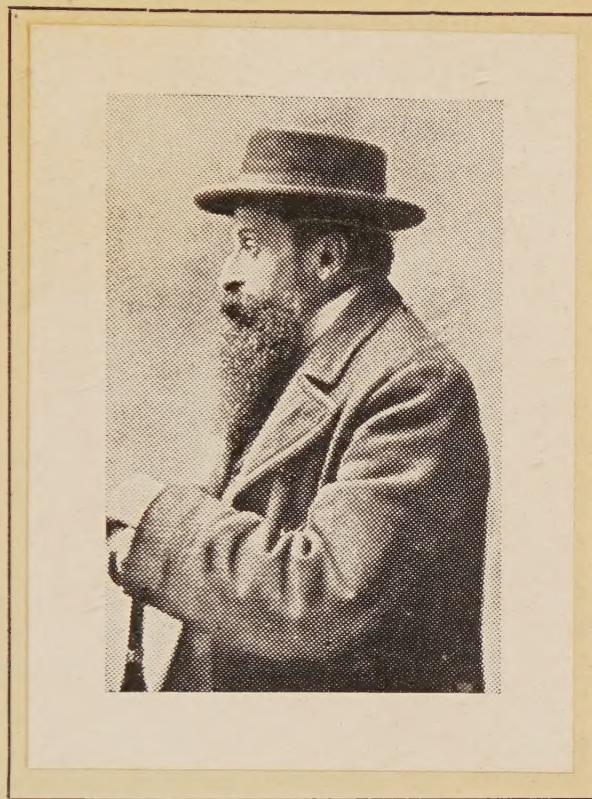


Coimbra Editora, Lim.^a — Antiga Livraria França & Arménio
Coimbra, 1924

869.1
G934
F67



:: Tipografia da Coimbra ::
Editora, Lda — Avenida do
: Arnado (Edifício próprio) :
::::: COIMBRA :::::



GUERRA JUNQUEIRO



Digitized by the Internet Archive
in 2024

<https://archive.org/details/guerrajunqueiro0000toma>

Considerações sobre o manuscrito de "Os Simples" (¹)

Passeando uma tarde, com Guerra Junqueiro, junto à foz do Ave, a proximidade do Atlântico e sobretudo a daquele ponto

«Onde o mar quebra num cachão
Rugidor e monótono,»

levou o Poeta a falar-me de Antero, que ali fez decorrer também uma das fases da sua vida, talvez a de maior actividade mental.

— Era um iluminado, sabendo traduzir, como ninguém, em admiráveis sínteses, duma filosofia profunda, a vida íntima do Universo. O cérebro, porém, consumiu-lhe o resto do

(¹) O manuscrito original de *Os Simples* pertence hoje ao snr. Conde do Ameal, que gentilmente o depositou na Biblioteca Municipal de Coimbra, pelo tempo que fosse necessário para sobre ele se escrever esta notícia bibliográfica, destinada ao *Arquivo Coimbrão*. Esse original fôra pelo poeta oferecido ao primeiro Conde do Ameal, Dr. João Maria Correia Aires de Campos, como se vê da respectiva dedicatória, que é do teor seguinte:

«Dou este manuscrito ao snr. Aires de Campos para que discretamente o conserve numa gaveta, como prova de estima, não o exhibindo nunca (era-me desagradável) entre as raridades opulentas das suas colecções.»

Porto, 9-10-94.

GUERRA JUNQUEIRO.»

organismo. Morreu só com osso e alma. O pensamento tinha queimado tudo!

«Pensamento tão vasto e tão absorvente, que o levava a não ouvir nem ver as coisas que o cercavam.

«Nessa contínua abstracção — em que passava Deus e a Natureza, o espaço e o tempo, o conhecido e o desconhecido, o bem e o mal, o eterno e o contingente — andava léguas e léguas, até se perder por caminhos e fragas, donde voltava extenuado. (¹)

«Mas também, ao regressar, quantas fórmulas discutidas, quantos sistemas arquitectados, definidos, resolvidos e por fim tanta vez pulverizados — fórmulas e sistemas que causavam o enlèvo e o assombro de quantos o escutavam!»

Tínhamos dado a volta à foz e Junqueiro falava ainda de Antero e de Deus.

Porque aludisse à maneira como o grande pensador compunha os seus versos e criava as suas teorias, preguntei:

— E o Mestre, como compõe os seus poemas?

— Assim também, passeando.

«Não há Arte sem alguma coisa de infinito, esse infinito que eternisa momentos. Ora o infinito só se comprehende e se traduz em presença da natureza livre. O homem, fechado entre quatro paredes, por mais livre que julgue ser, é sempre um enclausurado.

«Por isso o meu pensamento nada exprime se o não libertar, arrancando-o à clausura. Para criar, realizar trabalho útil, necessita de luz, de horizontes, de infinito, de Deus!»

(¹) «Antero gostava de fazer largas digressões a pé pelos arredores de Coimbra, por necessidade de andar, para ouvir a harmonia das árvores e das fontes, parando para admirar os apoteóticos pôr-de-sol, tão vulgares nesta cidade, criando com a ilusão das nûvens cidades no céu, que explicava sorrindo, encantado, como se tivesse à vista a *mística cidade de Deus*... Quando chegava a casa, Antero atirava-se para cima do seu estreito leito de estudante e estendia-se imóvel, de mãos cruzadas debaixo da cabeça, ouvindo falar os outros e intervindo apaixonadamente na conversa, se o assunto o interessava, quando todos o julgavam já adormecido.»

(Dr. Teixeira de Carvalho, in pref. das *Cartas de Antero de Quental*, 2.ª ed., p. xv.)

— Mas, inquiri, êsse trabalho mental é realizado sem esfôrço, saindo a obra desde logo acabada, ou tem a sua génesis, indo gradualmente...

— Em geral, o meu primeiro trabalho consiste em decidir-me sobre o assunto que me vai ocupar. Resolvido isso, saio de casa e começo traçando o plano geral de toda a obra.

«Como o pintor na factura dum quadro, começo pelas linhas gerais. As ideias, a princípio vagas e indefinidas, entram de aclarar-se e definir-se. À medida, porém, que vou andando, essas linhas, ainda agora confusas, conjugam-se, e iluminam-se em procura de forma e de equilíbrio. E o que ainda há pouco era sinuosidade e aspereza, começa a ter aspectos, perspectivas.

«Da sombra emerge a luz, do borrão sai o corpo, onde já se distinguem feições, roupagens e movimento, passando em breve a ser beleza e vida!

«Tal como a pedra de Vieira, que de bloco tosco e bruto subia até ser anjo, até ser Deus, assim o meu poema: começado em mancha, ou se desfaz, por falta de disposição, de tempo, de saúde, ou avulta e sobe e paira, envolto em poeira de luz.

«Mergulhado, absorvido, assim, por êsse esfôrço mental, realizo, às vezes, longas caminhadas, marchas de léguas.

«Voltando a casa, sento-me à banca de trabalho e, sem uma hesitação, sem uma emenda, confio ao papel toda a composição, na sua forma definitiva».

E acrescentava: — Nunca pude compor de outra maneira. A minha inteligência, para poder criar, é como certas aves — precisa de ser livre: — ter horizontes e ter luz.

«Ceu amplo e terra ampla. A natureza em frente.

«E porquê, tudo isto? Não sei, mas sem dúvida o acto mecânico da marcha tem, sobre certos espíritos, uma singular e definida influência.»

*

* * *

Folheando agora o manuscrito original de *Os Simples*, nele encontro confirmadas as palavras que o Mestre me dissera, junto ao mar de Vila do Conde, nessa Páscoa florida de 1905.

É certo que nem sempre o Poeta observou êsse processo.

No próprio original do seu poema há pequenas alterações, principalmente de forma, as quais revelam um exame cuidadoso e atento, como o poema impresso nos revela também uma crítica severa na revisão das provas.

Não admira, porque Junqueiro, na época da sua vida a que estou aludindo, era um autor escrupuloso, além de um crítico sagaz, que nunca também deixou de ser.

Tinha passado o tempo em que êle se deixava embalar e conduzir ao sabor da sua inspiração impetuosa!

Agora não. Cantar e cantar sempre, mas respeitando a verdade, acautelando a sciencia.

Exemplifiquemos.

Por ocasião da visita que Lopes de Oliveira e o autor destas linhas lhe fizeram em 1904, no seu retiro de Vila do Conde, o Mestre quis honrar-nos; lendo-nos a sua *Oração á Luz*, ainda inédita, embora já em vésperas de passar às mãos do editor.

Com que sofreguidão e, ao mesmo tempo, enlêvo espiritual, escutamos essa formosíssima oração, rezada ali, naquela sala, em frente ao mar e pelo próprio sacerdote que a compôz e sentiu e viveu!

Imagine-se, pois, se era possível esquecer essa maravilhosa sinfonia, que longo tempo cantou no nosso ouvido!

Nessa mesma noite, a caminho do Pôrto, ambos nós pudemos, sob um luar lindíssimo, repetir com o Poeta:

•E uma serpente escura, rastejando,
•Vê as nuvens e os pássaros em bando,
•Vê da noite o clarão;

•E na centelha exígua da pupila
 •Junta o brazeiro d'astros que rutila
 •Imensurável na amplidão!

Tempos depois, ao recebermos o poema impresso, verificamos que a famosa passagem tinha sido alterada!

•E uma alimaria torva rastejando... (1)

Que teria provocado semelhante alteração, visto nenhum dos versos estar errado, nem, parecia-nos, brigar com qualquer ponto de ordem científica?

Só quando, mais tarde Lopes de Oliveira foi contemplado com o manuscrito original da *Oração* (2) é que soubemos a razão do facto, que Junqueiro dava, em nota, ao fundo da página:

«O olhar das serpentes alcança a poucos metros de distância.»

Este exemplo de probidade científica é típico, revelando o grande escrúpulo que Junqueiro, ultimamente, punha em tudo o que escrevia.

*

* * *

Voltando novamente aos *Simples*, vemos que o autor, na verdade, escreveu de um jacto cada uma das composições, ali reúnidas.

Confrontando o manuscrito com a 2.ª edição do poema que tenho à mão e que é reprodução exacta da 1.ª, verifica-se

(1) *Oração à Luz*, 1904, pág. 24.

(2) Na mesma ocasião prometera Junqueiro ao autor destas linhas, o manuscrito da *Patria*, que se encontrava, a essa data, na casa que o Poeta habitava no Pôrto. Sabendo da oferta, o sr. António Lelo e, com ele, alguns cidadãos portuenses, solicitaram do novo proprietário do valioso manuscrito, a sua cedência a favor da Biblioteca Municipal daquela cidade, no que foram atendidos... E lá está, com efeito, na Biblioteca Pública, aberto à admiração e ao culto dos numerosos devotos do grande Poeta. (Vid. carta de Junqueiro, a pág. 26).

que as principais alterações foram introduzidas na revisão das provas, porque no original as emendas são insignificantes.

Assim: na primeira composição, *A caminho*, cortou a palavra *Prelúdio*, que passou à fôlha anterior, titulando, dêste modo, a primeira parte do poema.

Antecedendo a fala do primeiro personagem, Junqueiro escreveu:

(quasi centenario, que em mangas de camisa anda arando uma terra).

No poema impresso lê-se:

(de noventa anos, em mangas de camisa, a lavrar uma terra).

E é tudo.

Na segunda parte do *Prelúdio* os cortes e alterações foram maiores.

Logo de entrada escreveu: — «*Crepúsculo, Outubro. Pela estrada... um pedinte triste...*» Emendou: — «*Crepúsculo, Novembro. Pela estrada um pobresinho...*»

Fala primeira: *Um lavrador, à porta da choupana*. O poeta intercala a palavra *velho*, que de novo suprime, para redigir por fim:

(de cem anos, ainda robusto, à porta do casebre.)

A *velhinha*, vendo o *mendigo* de olhos *sem ventura*, diz-lhe:

«No meu moinho...»

Notando a ligeira dissonância, corrigiu:

«Dentro da azenha...»

Nesta mesma composição escreveu duas vezes a palavra *mendigo*, que logo substituiu por *pobresinho*.

Na pág. 18 do poema, última estrofe, lê-se:

«Teus olhos fulvos namorei-os...»

Diz o original:

«Teus olhos fulvos contemplei-os...»

A *Moleirinha* não apresenta, no original, emenda alguma. E nas provas, a única alteração feita, aparece na pág. 25, último verso da segunda estância:

«Baptisar-lhe a alma p'ra a fazer cristã.

«No manuscrito, Junqueiro esquecera-se do pronome, pois escreve: — *p'ra fazer cristã*.

No *Préstito Fúnebre* as alterações continuam sendo insignificantes.

As duas últimas estrofes da pág. 30 encontram-se invertidas no manuscrito.

E na pág. seguinte, segundo verso da terceira estância, em lugar de *v'rão*, escreveu *não*.

Nas provas (pág. 34, primeira est. v. 4.º) substituiu também a palavra *vida* por *encanto* e no último verso da composição, onde escrevera, por descuido, *desfazer-se-me*, corrigiu como está no poema.

*
* * *

In Pulvis... É aqui que vamos encontrar agora alterações mais freqüentes e de maior vulto.

A estrofe que no original corresponde à primeira da pág. 38 do poema, vem assim redigida:

«Em casal de serras *queima-se* o castanheiro,
«Lampada de pobres a fazer serão;
«Ao redor do grande, festival brazeiro,
«A velhinha, o velho, o lavrador trigueiro,
«A mulher, os filhos, *mais* o bichano e o cão.»

Não é preciso ter um ouvido muito apurado para que, desde logo, se notem, nesta estrofe, dois versos errados: o primeiro e o último.

Faz o célo negro em baixalha preusa...
 Nôm célo e negro em baixalha preusa...
 Oh bendita a chama ~~que é tanta e grande~~
 Que d'cinco folhas ~~que é tanta e grande~~
 E festeada a fruta ~~que é grande e rica~~
 Falini

Bem o velho ao colo o seu netinho ardente;
 - elate negro, forse do telhado; o', o'... -
 A no ber a luza simultaneamente
 Dizem paixão o anjo: Tu te e' oiro ardente...
 Dizem paixão o velho: Tu te e' cinza e pr...

Quantas vezas, paixões, for manhas andantes
 São paixões, alheia como um colchão;
 Mas paixões as luzas tiros violentas
 Vêm contando, que n'algum instante
 Vnde ver em cima já desfeito ali!...

Por isso o Poeta naquele substituiu a palavra *queima-se* por *arde*, suprimindo, neste, o advérbio *mais*.

Neste último verso em lugar de *bichano*, Junqueiro escrevera — *gato*, que depois cortou.

Entre a segunda e a terceira quintilhas da pág. 38 o Poeta escrevera:

«Ferve o caldo negro na panela escura,
«Nenhum caldo é negro com tão linda luz,
«Oh bemdita a chama que a tremer murmura
«Que dá ceia aos pobres numa noite escura
«Que alivie os tristes e agasalhe os nus.»

Como poderá ver-se na zincogravura que acompanha este ligeiro estudo, a estância, agora pela primeira vez publicada, sofreu várias alterações, até que foi definitivamente excluída.

Na verdade, os versos que a compõem não lhe saíram um modelo de correcção e harmonia. Confronte-se, por exemplo, a rima do primeiro e do quarto versos...

A última estrofe da pág. 43 começa:

«Fuso como giras em dedinhos breves...»

O original, porém, regista-a em seguida à primeira da pág. 44, com três cortes e uma ligeira variante no primeiro verso:

«Fuso como giras nos deditos breves...»

A quintilha a seguir apresenta outra pequena variante:

«Choram ventanias! Psalmos de tristeza...»

Sobre a palavra *Psalmos*, Junqueiro escreveu — *côncava* e por cima desta, emfim, a expressão definitiva: *pânica*.

Pág. 45, último verso da primeira estrofe:

«Círculo de enigmas que ninguem traduz...»

No original, porém, o verso primitivo diz :

«Desvendando enigmas...»

Verso imediato :

«Sempre, sempre, sempre, fumo, cinza e chama...»

Na revisão das provas trocou as últimas palavras : *cinza, fumo e chama*.

No último verso dessa mesma estrofe, escreveu primeiro :

«Serão tudo, tudo!... que vertigens!... Sempre!

Depois corrigiu, pondo por cima da palavra *vertigens* o termo *inconcebível*. Mas não lhe parecendo ser aquela, ainda, a expressão própria, riscou de novo, acrescentando por baixo — *inenarrável*, que também cortou, voltando à segunda fórmula.

Verso seguinte :

«E essas almas todas quem as ha gerado?»

Diz a emenda :

«Mas a alma, as almas...»

Por fim cortou também a última palavra, que substituiu como se vê no poema :

«Mas a alma, as almas, quem as ha criado?»

Insignificantes também as emendas das estrofes segunda e terceira da pág. 46 e primeira da 47.

O primeiro verso, porém, da segunda estrofe, dessa mesma página, teve esta redacção primitiva :

«Errarão defuntos para novamente...»

Substituída, no original, a palavra *defuntos* pela de *inertes*, a revisão das provas valorizou ainda êsse hendecassílabo :

«Dormirão? oh, nunca!... vão eternamente...»

Vejam-se agora, no original, as transformações porque passou a quintilha seguinte :

«Formas da materia, que eu em balde estudo...»

A última parte do verso passou a ser: *mascaras de estudo*. Mas o poeta, não lhe encontrando ainda aquele sabor lírico que êle, como ninguém, sabia dar aos versos que compunha, corrigiu para — «*que eu em vão desnudo*. Sobre esta última expressão escreveu ainda: *estudo*, que voltou a riscar, deixando a fórmula anterior.

O terceiro verso teve esta primeira redacção :

«Só a morte o sabe...»

ficando por fim :

«Quem o sabe? A morte...»

O último verso da primeira estrofe da pág. 48 teve esta redacção inicial :

«Verme! aos infinitos poderás chegar!»

Por motivos que não podemos avaliar, o poeta riscou, dando-lhe esta outra :

«Para aos infinitos o poder levar»

que de novo cortou, restabelecendo a primitiva.

Na revisão das últimas páginas desta mesma composição poucas alterações se fizeram.

O quinto verso da primeira estrofe (pág. 49)

«Que prodigo oculta?»

tem, no original, esta variante :

«Que figura oculta?»

O sexto verso da pág. 50, em vez de *ligeirinha e leve* como hoje se lê, dizia — *luminosa e leve*.

No décimo, em lugar de *bátegas de brasas*, Junqueiro escrevera — *bátegas de estrelas*.

Alterações finais desta composição (pág. 50) verso décimo primeiro e seguintes :

Vai andando, andando, té que emfim cercadas,
Por uma aleluia...

.....
«Bate ás portas d'ouro da feliz morada...»

No original :

.... té que deslumbrada
Numa aleluia...
.....
«Bate ás portas de ouro duma ideal morada.»

Pág. 51, verso quarto :

«Uma palma d'astros, a luzir Esp'rança.»

No original :

«Uma palma d'astros, simbo d'Esp'rança.»

Idem, verso décimo :

«Tão amada oferenda...»

No original — primeira forma :

«O perdão de estrelas...»

Segunda forma :

«O florão de estrelas...»

Idem, verso décimo primeiro:

«Resa esse rosario...»

Original:

«Resa o teu rosario...»

Pág. 52, verso terceiro:

«Morta de miseria.»

Original:

«Morta de amargura...»

Nas *Eiras ao Luar*, só a segunda estâncie, da pág. 57 sofreu alterações dignas de nota. E pena foi que as não sofreram maiores, pois talvez, desse modo, não ficasse tão aquem das companheiras.

Dizia o original:

«Em palhinhas de centeio
Quantas esmolas no meio,
Deixando lírios no seio
E as mãos escorrendo luz!

As emendas deram:

«Entre as palhas do centeio
.....
«Que deixam lirios no seio...»

A palavra *escorrendo* foi substituída por *banhados*, que o Poeta riscou também, conservando a primeira.

No último verso desta mesma estrofe riscou ainda a proposição *em*.

E nada mais.

As primeiras vinte quintilhas das *Ermidas* apresentam uma única alteração, a do terceiro verso da pág. 62, que diz, no original:

«Como não tem sustos numa tal morada...»

Na pág. 68 há duas emendas insignificantes: a do verso quinto — *Proteger*, que depois foi substituído por — *Defender*, e no décimo segundo — *azinhais*, que no livro aparece emendado para — *matagais*.

Na pág. seguinte, terceiro verso, substituiu a palavra *serranias* por *penedias*.

Nesta altura do original há um espaço em branco, correspondente à estância que começa:

«E por isso ex-votos, que relembram dores...»

estância que o Poeta acrescentou na revisão, ou enviou depois, como fez com a quarta da *Canção Perdida*,

«A lua enorme, a lua argentea, a lua calma»

que remeteu mais tarde, num pequeno quadrado de papel, que o encadernador colocou fora do lugar próprio.

A única emenda que aparece nesta formosa composição, diz respeito à referida estância. A palavra *frouxa* do original, foi substituída, nas provas, por *triste*.

A poesia *O Pastor*, foi das menos alteradas, pois só riscou, no verso décimo quarto da pág. 87 — *abelhas d'ouro*, pondo em seu lugar as palavras — *a Providencia*.

O *Cavador* sofreu igualmente uma única emenda, a do quarto verso da primeira estância.

No original escreveu primeiro — *vai buscá-lo*, que traçou, substituindo por — *chamal-o*.

As duas composições seguintes não sofreram alteração alguma e pena foi que assim acontecesse, pois a segunda *Campo Santo*, pelo menos, devia ser melhor caldeada na mente do Poeta.

O *Regresso ao Lar* apresenta duas pequenas emendas: no quinto verso da primeira estrofe foram eliminadas as palavras primitivas — *eu chorar*, e substituídas por — *me eu lembrar*.

A outra emenda é no último verso da estância seguinte.

O manuscrito dizia:

«Canta-me cantigas para me embalar.»

Junqueiro traçou a última parte, ficando assim redigida:

«Canta-me cantigas de me adormentar..

E é tudo.

A nota final do poema foi, portanto, escrita à última hora, para justificar a nova forma e a nova orientação filosófica da sua musa, que acabara de sair de uma grave crise moral, provocada pela doença do Poeta.

*
* *

Assim, pois, Junqueiro escrevia os seus versos. E se não acrescento — e a sua prosa — é porque o processo era, aqui, um tanto diferente, pelo menos na última fase da sua vida — a filosófico-scientífico-apostólica.

Deponho ainda como testemunha ocular.

Na tarde de 22 de Julho de 1906 recebi um telegrama em que Junqueiro dizia esperar-me no dia seguinte, para almoçar com êle, no Bussaco.

Fui. Junqueiro, que de novo vinha refugiar-se na floresta, em procura de ambiente propício à continuação do seu livro *último e supremo* ⁽¹⁾, como êle dizia — a *Unidade do Ser* — esperava-me no local do costume: o centro da mata, junto ao Grande Hotel.

Antes do almôço fomos ao seu quarto, onde o Poeta me mostrou, espalhados sôbre a mesa, os livros que trouxera para consulta, e na mala um grande maço de papel, em que vinha compendiando o seu novo sistema filosófico.

E que vi eu, nessa rumia de folhas manuscritas?

Trechos de boa prosa, é certo, mas quâsi todos com longas e freqüentes alterações.

Entre muitos dos que observei, facilmente se adivinhava

(1) Falando dêste livro, Junqueiro dizia-nos, com freqüência: — «Se o não concluir e publicar, morrerei inédito.»

o esfôrço incessante de Junqueiro, que ali se afadigara, corrigindo, cortando, acrescentando, melhorando.

Agora já a cachoeira verbal não corria como dantes, quando fazia versos. Porque descera à época das responsabilidades? à fase positiva e prosaica da existência, em que já não havia, como outrora

«Mil quimeras de glória e mil sonhos dispersos,
«Canções feitas sem versos,
«E que nós nunca mais havemos de cantar? (1)

Fôsse o que fôsse; o certo era que o Poeta lutava, na confecção do seu trabalho. Via-se a pena hesitando e a memória emperrando.

Claramente notei que Junqueiro vivia angustiado por ver que a sua obra não saía, como Minerva da cabeça de Júpiter, inteira e acabada.

E naquela ância febril, procurava um canto, um ermo onde pudesse pensar, criar, e por fim dar a forma, aquela forma que êle afanosamente procurava para sintetizar o seu sistema.

Infelizmente, o declínio mental vinha chegando. Por outro lado, a doença pertinaz que nunca mais o abandonou, continuava a flagelá-lo, conduzindo-o também áquele estado físico que êle referia a Antero: *osso e alma*.

E digo físico e não moral nem mental, porque entre os dois há uma profunda diferença, como em breve demonstrarei.

Coimbra,
Abril de 1924.

(1) *Musa em Férias*, 1879, pág. 12.

Cartas inéditas de Guerra Junqueiro

Cartas inéditas de Guerra Junqueiro

Queridos amigos (¹)

Beijo-lhes as mãos pelas suas palavras calorosas, cheias de mocidade e de bondade.

O que n'ellas me enternece profundamente não é o elogio heperbólico, mas a candura luminosa, a simpatia radiante, que o fez nascer. O ídolo é falso e os adoradores verdadeiros. Um santo com caruncho no meio de almas estreladas, que o veneram. E o fulgor d'essas almas, banho de graça matinal, penetra e purifica lentamente, dia a dia, o triste santo caruncho... .

A minha santidade é uma ilusão: vem-me das suas almas religiosas, da sua fé, do seu idealismo permanente. Não sou uma luz, sou um espelho. Já não é mau. Podia ser um carvão, podia absorver e não reflectir.

Parto para a Barca no fim da semana proxima, depois de assistir no Porto à conferencia do meu querido Bernardino Machado (²).

(¹) Esta formosa carta responde àquela que os destinatários, Lopes de Oliveira e o autor do presente opúsculo, escreveram ao grande Poeta, no regresso da visita que lhe fizeram em fins de 1903, na sua casa de Vila do Conde.

(²) Junqueiro assistiu, com efeito, à conferência política que o Dr. Bernardino Machado realizou no Pôrto, em 1904. Um pouco antes, o Poeta foi ao Hotel do Pôrto, onde o notável político estava fazendo a *toilette* para sair, mas ainda vestido com o gabão que eu, seu secretário, usava nesse tempo, o que deu lugar a que Junqueiro, numa hora de bom humor inolvidável, dissesse coisas formosíssimas, a propósito da missão apostólica em que o conferente andava empenhado.

Logo que saia a lume a *Oração á Luz*, lhes mandarei os
manuscritos prometidos ⁽¹⁾.

Villa do Conde, 13 de Janeiro de 1904.

GUERRA JUNQUEIRO.

*
* *
*

Meu bom amigo

Li o seu livro ⁽²⁾ com sincero agrado. Sente-se nessas paginas a robustez viçosa do seu espirito, a candura meiga da sua alma. Não deixe nunca estiolar a flor d'encanto, a flor divina da simpatia e da bondade. O estoicismo severo, a virtude rigida, assemelham-se áquellas montanhas escalvadas e nuas, pedreiras epicas, sem arvoredos e sem fontes, sem passarinhos e sem rosas. A grandeza esteril, que não ri e não canta, é um colosso funebre. Viver é amar e fraternisar. Conserve e amplie esse dom amoroso que a natureza lhe deu, para ventura sua e de nós todos.

Recomende-me afectuosamente ao Lopes d'Oliveira e mais amigos.

Villa do Conde, 24. (1904).

Seu do coração
GUERRA JUNQUEIRO.

⁽¹⁾ Referência aos originais da *Patria* e da *Oração á Luz*, que Junqueiro nos oferecera como recordação da nossa visita à sua tebaida de Villa do Conde.

⁽²⁾ *Os Grandes Males*, pequeno trabalho publicado em 1903. O último capítulo desse livro — *Sentimento e Vida* — valeu-me, de Junqueiro, referências muito carinhosas.

*
* *

Querido amigo (¹)

As suas cartas encheram-me de alegria. É feliz. Felicidade merecida e conquistada, porque nasce da juventude heroica, da belleza moral, intrepida e radiante. Conserve-a. Deus é amor, Satanaz egoísmo. Faça da sua alma um círculo de simpatia, cada hora mais vasto e luminoso. Amor infinito, beatitude infinita. Nada o destroem: elle vence o espaço, domina o tempo, subjuga a morte.

Que formoso o prologo da sua vida! Meio dia para o campo e meio dia para arte. Isto é,—o dia inteiro para Deus. Entrou em religião.

Conservarei o manuscripto dos seus bellos versos até ao fim de Maio, época da minha partida da Barca d'Alva. Em Junho vou á Figueira e lá combinaremos as modificações e emendas necessárias.

Barca d'Alva, 14-Abril-1905.

Seu cordeal amigo
GUERRA JUNQUEIRO.

P. S. — Não sei se o Lopes d'Oliveira recebeu o manuscripto da *Oração á Luz*. Mandei-lho do Porto ha 8 ou 10 dias. Talvez ficasse no correio, porque não designei, no endereço, o n.º da casa.

(¹) Esta carta alude à vida campestre a que o destinatário se dedicou, logo após a sua saída de Coimbra.

*
* *

Querido amigo

Escrevo-lhe da cama com um ataque de influenza, mas já declinando. Nada de grave.

O seu livro (¹) entra no prelo no mez que vem, *sem falta*. Assim o combinei com o editor ha quinze dias.

A demora veio de duas causas: superabundancia de originais e remodelação das oficinas tipográficas.

Ao transladar a residencia da Boavista para a rua da Alegria, onde estou morando, encontrei finalmente o manuscrito da *Patria* (²).

A primeira vez que for a Coimbra levo-lho.

Trabalhe. A sua alma é luminosa, o seu coração é nobre, a sua vida é heroica.

Lembranças afectuosas ao Lopes d'Oliveira.

Porto, 6. (Fevereiro de 1907).

Cordeal amigo
GUERRA JUNQUEIRO.

(¹) *Desherdados*, para o qual escreveu o prefácio a que em outra carta se refere.

(²) Como noutro lugar se refere, este valioso manuscrito foi cedido, pelo novo proprietário, a favor da Biblioteca Municipal do Pôrto.



Meu querido amigo (¹)

Desculpe o meu silencio. A doença de minha filha e a minha própria vão-me mortificando lentamente. Decrescem-me as forças dia a dia.

Por isso desculpe-me. Não lhe mando o artigo sobre o J. de Deus (²) porque não tenho possibilidade de o escrever.

As energias que me restam, quero emprega-las na conclusão da minha obra filosófica. É um alto e supremo dever para mim mesmo (³). Em quanto o não cumpra, nada mais farei. Um apenas. Uma excepção: o prefacio do seu belo livro, que darei ao editor no fim de Janeiro.

Conto regressar ao Porto brevemente.

Barca d'Alva, 6. (Dezembro, 1908).

Seu fraternal amigo
GUERRA JUNQUEIRO.

(¹) Carta escrita por ocasião de uma das violentas crises que o Poeta vinha experimentando, depois do terrível palodismo que adquirira com a sua permanência em Barca d'Alva.

(²) Artigo solicitado pelo destinatário para um número único, de homenagem ao grande lírico, velho amigo de Junqueiro.

(³) Dever que não conseguiu realizar. A doença pertinaz, que nos últimos anos o torturou, não lhe consentiu essa suprema aspiração do seu espírito.

*

* * *

Meu querido amigo (¹)

Agradeço-lhe infinitamente os seus cuidados. Vou melhorando um pouco, lentamente. Ha 6 dias que não tenho febre, mas o meu estado de fraquesa é ainda muito grande.

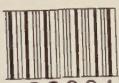
Conto ir amanhã ao Porto, se puder. A demora será apenas de 3 ou 4 dias. Volto para aqui, regressando definitivamente ao Porto no fim do mez. Por essa ocasião lá o espero para o abraçar.

Barca d'Alva, 12. (Novembro, 1909).

Seu cordeal amigo
GUERRA JUNQUEIRO.

(¹) Esta carta regista nova crise, e decerto a mais aguda, por que foi aquela em que o Poeta viu perdida a razão da filha estremecida.

PQ9261. G8S534



a39001



004188713b

Q 9345
F 67

